

## Dela eu não me esqueço nunca!



Meu nome é Mateus. Nasci e cresci em uma cidadezinha no interior de Minas Gerais, chamada Sabinópolis. Sou o caçula de uma família grande. Minha mãe teve doze filhos, dos quais nove vivem hoje. Meu pai abandonou a nossa família quando a minha mãe estava grávida de mim e eu só o conheci quando tinha nove anos de idade. Sua ausência fez muita diferença em nossa casa.

Minha mãe, analfabeta, trabalhava sozinha para sustentar todos nós. O que ela sabia fazer era usar a enxada e a foice, trabalhando na roça para garantir o pão de cada dia para a família. Nós não tínhamos casa própria, morávamos em lugares muito simples, muitas vezes cheios de buracos, que eram alugados.

Cresci nesse contexto, mas Deus sempre colocou pessoas especiais em meu caminho. Uma delas foi a lone. Ela me acompanhou na infância e na adolescência, sempre com paciência e firmeza. Mesmo quando eu errava, ela conversava comigo e me ajudava a corrigir o rumo. Muitas vezes, suas palavras pareciam entrar por um ouvido e sair pelo outro, mas, no fundo, faziam efeito. Às vezes doíam, mas era uma dor que se traduzia em esperança, que transformava. Acho que ela via em mim alguém com possibilidade de mudança, mas que precisava de amor e compreensão.

Foi assim também em um episódio marcante da minha vida. Durante um acampamento da igreja, quando eu ainda era adolescente, sofri um acidente. Afastei-me um pouco do grupo e encontrei uma carretilha de construção. Curioso, fui mexer nela e acabei caindo e batendo a cabeça no chão. Levantei-me sozinho e voltei ao grupo, como se nada tivesse acontecido. Mas logo comecei a sentir fortes dores de cabeça e a repetir frases que eu já tinha dito minutos antes.

Meus amigos avisaram a lone, que era uma das líderes. Ela decidiu me levar ao hospital, mesmo parecendo não ser nada grave. No hospital, meu estado piorou. Por volta das quatro da tarde, o médico chamou minha família e disse: “Ele não reagiu ao medicamento, não há mais o que fazer. Ele está morrendo”. Eu já estava em coma.

Mas lone não desistiu. Ela disse: “Ele ainda está vivo. Nós cremos no Médico dos médicos. Queremos esgotar todas as possibilidades”. Graças à sua insistência, providenciaram meu encaminhamento para Belo Horizonte. Lá, uma junta médica realizou uma cirurgia que durou da meia-noite até às quatro da manhã. Três dias depois, acordei do coma. Os médicos estavam surpresos: esperavam que eu tivesse sequelas graves, mas eu estava plenamente consciente. Pedi apenas que chamassem minha mãe e pedissem uma maçã e uma escova de dentes. Foi um verdadeiro milagre.

Essa experiência marcou-me profundamente. Aprendi que a atitude de uma pessoa pode mudar a vida de outra. A presença da lone, com paciência, generosidade e amor, foi decisiva para mim.

Aos 11 anos, participei de um curso de manutenção de fogões a gás oferecido pela Missão em Sabinópolis. Éramos seis alunos, mas apenas eu continuei. Esse curso foi a base para minha profissão. Mais tarde, tive minha própria empresa de serviços na construção civil, trabalhando com canalização de gás. Foi esse trabalho que me permitiu pagar a faculdade de direito. Hoje sou advogado, casado com Bernadete e pai de Sofia e Melina, preciosos presentes de Deus.

Também fui diácono na Igreja Presbiteriana de Viçosa e vice-presidente da diretoria da Rebusca - Ação Social Evangélica Viçosense. Tanto eu quanto minha esposa passamos pelos programas sociais da Bem Estar do Menor (BEM), em Sabinópolis. Foi ali que tive o privilégio de conviver com a assistente social Ione Fonseca Guimarães, que trabalhou na instituição entre 1978 e 1992.

Não dá para esquecer da Ione. Ela marcou minha vida. Ela foi assistente social, educadora e amiga. A pessoa que acreditou em mim quando eu mais precisava.

Hoje, como homem, olho para trás com o coração cheio de gratidão pela sua generosidade comigo. Sem a Ione, possivelmente eu não estaria aqui.

**Escrito por Mateus Tadim dos Santos**



**Mateus com sua esposa Bernadete e filhas Sofia e Melina**